

3.Uma raposa que põe ovos?



O que achas de uma raposa com a cauda entre as pernas, pressionada contra a barriga, que leva erva e lama para a sua toca para fazer um ninho profundo e pôr ovos?

Ou o que pensas de uma raposa que passa horas por dia no leito de um riacho, a mergulhar à procura de comida, com os olhos, o nariz e as orelhas bem fechados, mas que, mesmo assim, encontra comida em abundância? Achas a ideia absurda? Eu não acho.

Na verdade, não sou de todo uma raposa, embora a minha pele não seja menos bonita nem menos macia do que a de uma raposa, mas não sou exatamente do mesmo tamanho que uma raposa. Só tenho meio metro da cabeça à ponta da cauda. Cavo a minha própria toca, mas a minha é normalmente na margem de um riacho. Durmo lá a maior parte do dia. Só raramente saio para o sol, onde penteio cuidadosamente o meu pelo com as minhas garras traseiras. Como vês, só me pareço vagamente com a raposa.

Um cruzamento original

Acontece, no entanto, que sou bastante semelhante a muitos outros animais. (Se

quiserem concluir, a partir destas semelhanças, que sou parente deles, é convosco!) A minha cauda assemelha-se à de um castor. As "presas venenosas" nas patas traseiras do meu companheiro poderiam ser as de uma víbora. As membranas entre os dedos dos meus pés podem ser de uma rã, e o meu bico pode ser de um pato. Este último item, por sinal, é um dos meus órgãos mais importantes, e não apenas para me alimentar. Este bico deu-me o meu nome, ornitorrinco. Ponho ovos como uma ave, mas amamento as minhas crias como um gato. Posso nadar como um peixe e cavar como uma toupeira.

Sem lugar na árvore genealógica

Sim, tens razão! Se olhares para mim, posso ser um pouco confuso. Onde é que eu pertenço realmente? Aos peixes, às aves, aos mamíferos ou às cobras? Na verdade, tenho algo de cada um deles. Muitos cientistas pensam que sou uma forma de transição com 150 milhões de anos entre répteis e mamíferos, um animal que ainda não está completo. Sou bastante moderno para a minha idade, não achas? Os cientistas que trabalharam comigo ficaram surpreendidos com o meu equipamento supermoderno e as minhas capacidades excepcionais. Não conseguem explicar porque é que um organismo tão "velho" tem estas capacidades e não sabem bem em que ramo da árvore genealógica me devem pendurar, mas eu não ligo muito a essas coisas. Não pertenço a

nenhuma árvore genealógica, mas considero-me uma obra-prima de um artista fantástico, Deus. E sei que não sou a sua única criação notável. Tu próprio és igualmente uma criatura feita pela Sua mão.

Desconhecido na Europa

Até ao século XIX, éramos completamente desconhecidos na Europa. Quando surgiram os primeiros relatos sobre nós, os cientistas não sabiam se deviam ou não acreditar na existência de uma coisa tão estranha. Receavam cair numa farsa e, por isso, decidiram que alguém tinha meticulosamente fixado um bico de couro e pés com membranas no tronco de um castor, mas nós existimos de facto. Somos originários do leste da Austrália e sentimo-nos em casa nos riachos e lagoas onde podemos encontrar água fresca, mas admito que tornei as coisas difíceis para os investigadores. Quem me quisesse ver, tinha de me perseguir até à água, à noite. Eu pesco no escuro, com os olhos bem fechados. Se por acaso me verem, reparavam que eu contorno facilmente qualquer obstáculo e que persigo camarões e invertebrados, para depois os meter nas minhas bolsas. Então, à superfície, podem observar como eu emerjo com as bochechas cheias, esvazio gradualmente o conteúdo na minha boca e como à vontade. Desta forma, posso ingerir todos os dias até metade do meu peso corporal em comida? Consegues imaginar a quantidade de comida que tenho de encontrar

todos os dias?

Um bico fascinante

Finalmente, um dos investigadores teve a ideia de estudar o meu bico com mais atenção. Descobriu que a superfície superior macia do meu bico é perfurada por milhares de pequenos orifícios. Em cada um desses orifícios, o meu criador instalou um tampão de válvula em miniatura, acoplado a um nervo sensitivo. Desta forma, o sentido do tato é transmitido imediatamente para o cérebro, e eu posso reagir mais fortemente do que poderia a um impulso dos meus olhos, ouvidos ou outras partes do meu corpo. Se eu tivesse apenas estes receptores mecânicos (os cientistas chamam-lhes sensores tátteis), colidiria com um obstáculo debaixo de água antes de poder reagir, mas não é assim que funciona. Os investigadores fizeram um grande esforço para descobrir o segredo do Criador. Entre os sensores tátteis do meu bico, o meu maravilhoso Criador distribuiu uma multiplicidade de estruturas semelhantes, que reagem a impulsos elétricos. Estes sensores dependem de certas glândulas que segregam uma substância viscosa e, por isso, só funcionam debaixo de água. Além disso, existem terminações nervosas especiais que também reagem a correntes elétricas fracas.

Acreditas mesmo que esse aperfeiçoamento é o resultado do acaso e da necessidade, da mutação e da

seleção, ou de quaisquer outras palavras inteligentes que possas utilizar? Estas palavras sugerem que estas coisas aconteceram por si próprias. Pelo que tenho visto, o acaso não traz nada de importante à existência. Os resultados da mutação são quase sempre prejudiciais para o organismo. A seleção escolhe apenas entre as coisas que já estão presentes. Nunca produz nada de novo. Enquanto nado, balanço o meu bico de um lado para o outro duas ou três vezes por segundo. Desta forma, recebo os impulsos elétricos mais subtils emanados pelos caranguejos e outros pequenos animais e, assim, sou capaz de ir atrás dele.

Um fato de mergulho térmico

Outra das minhas notáveis especialidades é a capacidade de regular a temperatura do meu corpo. Mesmo no inverno preciso de comer, e tenho de passar horas na água gelada. Nenhum outro animal conseguiria suportar a baixa temperatura durante tanto tempo. O meu Criador, no entanto, forneceu-me um fato de mergulho peludo que me isola do frio melhor do que o pêlo de um urso polar. Também consigo diminuir significativamente a minha taxa de metabolismo, de modo que, mesmo depois de várias horas em água gelada a uma temperatura de cerca de 0 graus Celsius, a minha temperatura corporal continua a ser de 32 graus.

Um veneno perigoso

Cada ornitorrinco macho recebeu do Criador um esporão oco na pata traseira. Tem até 1 ½ centímetro de comprimento e contém um veneno forte. Não existe nenhum outro animal em todo o reino dos mamíferos com um injetor de veneno deste tipo. O veneno é produzido numa glândula na coxa. Os vossos cientistas ainda não sabem bem porque é que ela está lá. O meu parceiro usa o esporão afiado virado para dentro durante as lutas contra outros machos da nossa espécie, para defender o nosso território.

O veneno é muito forte. Um cão ferido com o espião morre num curto espaço de tempo por paralisia das funções respiratórias e cardíacas. Ouvi falar de um cientista que testou uma pequena dose, apenas 0,05 mililitros, em si próprio (1 ml = 1 centímetro cúbico). Injetou o veneno no antebraço e mais tarde queixou-se de dores terríveis.

A minha cauda e os meus pés

Tal como o Criador deu ao camelo as suas bossas, também me deu uma cauda lisa. Funciona tal como um sistema de armazenamento de gordura, tornando-se num excelente tanque de combustível. Também funciona como leme quando nado ou mergulho, e quando estou em terra, posso pressioná-la entre as pernas e contra o meu estomago. Isto permite que possa transportar os mais variados objetos úteis.

As membranas entre os dedos não são nada de invulgar. Muitos outros animais terrestres e aves têm-nas, mas, no meu caso, é um pouco mais requintado. Quando estou em terra, as membranas não são muito úteis. De facto, atrapalham e interferem com a corrida, mas eu posso dobrar as minhas membranas para dentro e assim

usar os meus pés facilmente para correr, trepar e cavar. Geralmente tento construir a minha habitação na margem íngreme de um riacho. Faço as entradas tão apertadas que entrar na minha toca faz com que a água saia do meu pelo. Há que admitir, tenho um sistema prático.

Pôr ovos e cuidar dos pequenos

Outro aspecto interessante. Quando chega a época de acasalamento, o meu companheiro pega delicadamente na minha cauda com o seu bico e nadamos em círculo durante vários dias. É o nosso ritual de acasalamento. Durante esse tempo, vários ovos de 4 milímetros de tamanho migram pelos meus ovidutos do lado esquerdo. Aí são fertilizados pelos espermatozoides do meu companheiro e desenvolvem uma primeira casca mole para proteção. Os ovos (são três no máximo) migram depois para o meu útero, onde recebem uma segunda casca. Quando atingem o tamanho de 12 mm, recebem um terceiro e último revestimento. Mesmo não tendo cordão umbilical as minhas crias são alimentadas por estas fantásticas cascas durante os seus primeiros dias. Não há nenhuma abertura adicional por onde a minha descendência possa sair. Os dois ou três ovos são expelidos através da abertura que, de outra forma, seria usada para a excreção. Esta é outra razão pela qual a proteção de três dobras é necessária. Os ovos pegajosos pousam na minha barriga e eu pressiono a minha cauda quente sobre eles. Aí incubo as minhas crias até estarem prontas a eclodir. Entretanto, o Criador faz crescer um único e pequeno dente ocular na gengiva superior da boca dos meus filhos, com o qual eles conseguem abrir a casca macia e borrachuda. A minha cauda continua enrolada à volta deles e segura-os

firmemente na minha barriga. Dois dias depois, consigo dar-lhes leite, mas, é preciso compreender que não tenho mamilos. O leite sai simplesmente pelos poros mamários, numa área da pele, através do meu pelo. Aí, as minhas crias bebem-no com os seus pequenos bicos macios. Já agora, o meu leite tem um teor de ferro espantoso (60 vezes superior ao leite de vaca). O Criador preparou-o assim porque sabia que os fígados das minhas crias são demasiado pequenos para armazenar todo o ferro de que necessitam. Analisando tudo o que eu disse podem ver que não sou um animal pré-histórico, um animal que o tempo esqueceu. O meu Criador equipou-me perfeitamente para a vida que levo na costa leste da Austrália, onde eu vivo.